

SITES ABRIL	CELULAR	ASSINE	SHOPPING	BUSCA
Notícias	Esportes	Diversão	Saúde	Mulher
Meu site				



veja
on-line

Revistas
 VEJA on-line

REVISTA VEJA

Edição 1927 . 19 de outubro de 2005

PUBLICIDADE



NESTA EDIÇÃO

- ▶ Índice
- ▶ Brasil
- ▶ Internacional
- ▶ Geral
- ▶ Economia e Negócios
- ▶ Guia
- ▶ Artes e Espetáculos

COLUNAS

- ▶ Lya Luft
- ▶ Millôr
- ▶ Diogo Mainardi
- ▶ Tales Alvarenga
- ▶ André Petry
- ▶ Roberto Pompeu de Toledo

SEÇÕES

- ▶ Carta ao leitor
- ▶ Entrevista
- ▶ Cartas
- ▶ Radar
- ▶ Holofote
- ▶ Contexto
- ▶ Auto-retrato
- ▶ Datas
- ▶ Veja essa
- ▶ Gente
- ▶ VEJA Recomenda
- ▶ Os livros mais vendidos

Esporte

Campos dos sonhos

Em alta no país, o golfe ganha áreas espetaculares e ajuda a vender até apartamento

Sandra Brasil

Caras



Divulgação



Campo de golfe entre a mata e o mar em Trancoso: obra-prima do arquiteto-golfista Blankenship

Quando o arquiteto americano Dan Blankenship trocou os Estados Unidos pelo Brasil, em 1994, sua especialidade – projetar campos de golfe – era quase uma atividade esotérica. Golfe, conforme a imagem propagada por incontáveis filmes, era coisa de americano de caricatura: taco à mão, charuto na boca, calça em variações berrantes de xadrez e negócios milionários jorrando entre uma jogada e outra. Aqui, somente 3.700 pessoas se arriscavam no esporte elitizadíssimo. Desde então, não se pode dizer exatamente que o golfe virou esporte popular, mas o número de praticantes tem aumentando sem parar – calcula-se que esteja em torno de 25 000. A quantidade de campos – e aqui voltamos a Blankenship – acompanha o crescimento: são hoje 105, concentrados principalmente nos estados de São Paulo (46) e Paraná (treze), e outros 35 estão em fase de construção. "Cheguei na hora certa. Percebi que o Brasil era um mercado com grande potencial de crescimento e resolvi ficar", diz o arquiteto de 44 anos, que assina o projeto de nove campos de golfe no Brasil, dois deles ainda em obras.

Veja também

EXCLUSIVO ON-LINE

- ▶ Onde dar suas tacadas
- ▶ Entenda o jogo

No topo de seu portfólio, reunindo qualidades raras pela beleza deslumbrante da paisagem e pelo capricho na realização, está o campo que faz parte de um complexo turístico na região de Trancoso, na Bahia. Inaugurado em maio do ano passado, o campo de mais de 9 milhões de reais foi construído numa área de 700 000 metros quadrados – 200 000 a mais que o típico campo

JANEIRO, FEVEREIRO
E MARÇO SÃO OS
MELHORES MESES PARA
**CONSEGUIR
UM NOVO
EMPREGO**

CATHO
ONLINE

JAN

V

oficial de dezoito buracos. Até golfistas calejados, acostumados aos encantos de campos em vários continentes, se desmancham em elogios. Nos primeiros nove buracos, os jogadores têm por moldura árvores e animais da Mata Atlântica. Na segunda e última volta, fincada sobre falésias, o campo dá vista para o mar – é difícil que o jogador não se desconcentre pelo menos por alguns segundos na altura do buraco 14, bem na ponta do penhasco. "Já joguei em mais de 500 campos e nunca vi nada tão bonito", disse recentemente o jornalista americano Alex Shoumatoff, colaborador da revista *Vanity Fair* e golfista fanático. "Tive toda a liberdade para criar. É o projeto mais fascinante da minha carreira", diz Blankenship, que, de tão entusiasmado, fixou residência em Trancoso. "Quando não estou trabalhando, jogo."

Otavio Dias de Oliveira



Alunos treinam no driving range (sim, é tudo em inglês): nove academias de golfe em São Paulo

Um sinal de que o golfe está se tornando atividade de prestígio fora do universo exclusivo dos campos particulares é que o putting green – a área onde se treina a tacada antes de enfrentar o campo propriamente – virou atrativo de empreendimentos imobiliários de alto padrão. "Esse é o novo apelo de venda para apartamentos a partir de 800.000 reais em São Paulo", diz Romeu Busarello, diretor de marketing da construtora Tecnisa, que prepara o lançamento de seu primeiro prédio com espaço para golfe e planeja outros dois para 2006. Condomínios de luxo, que antes alardeavam lagos para andar de lancha e jet ski ou cavalariças para os fãs de esportes hípicos, agora conquistam clientes oferecendo campos de golfe: quase todos os terrenos (cerca de 400.000 reais cada um) de um empreendimento em Vinhedo, a 80 quilômetros de São Paulo, já foram vendidos. Projetado por Brian Costello, outro arquiteto americano, só o campo vai custar quase 10 milhões de reais. No comentado condomínio que o carrasco de aprendizes Donald Trump se prepara para lançar em Itatiba, no interior de São Paulo, aproximadamente 30 milhões de dólares serão aplicados na infra-estrutura relacionada ao campo de golfe.

"Estima-se que o segmento já movimenta no Brasil cerca de 500 milhões de reais por ano", diz o publicitário Álvaro Almeida, presidente da Confederação Brasileira de Golfe (CBG). Diretor comercial da revista *Caras*, muito bem relacionado, Almeida é apontado como o grande responsável pelo aumento da divulgação do esporte no país, desde que, há cinco anos, pôs em prática a estratégia de convidar celebridades para dar tacadas, ainda que canhestras, em torneios. Ronaldo e o piloto Rubens Barrichello são exemplos que acabaram fígados. Barrichello joga duas vezes por semana, religiosamente, inclusive durante a temporada de automobilismo. "Quando parar de correr, quero ser um bom golfista amador", diz o piloto, que ostenta handicap 13 – o que, para quem não sabe (e quem sabe?), é muito bom. Pelo sistema de pontuação usado para equilibrar praticantes de diferentes níveis, ao fim do jogo (cujo objetivo,

diga-se, é fazer todos os buracos com o menor número possível de tacadas), cada jogador abate do total de tacadas que deu o seu handicap. Iniciantes partem do handicap 40 e vão baixando conforme se aprimoram.

Lailson Santos



Barrichello: "Quando parar de correr, quero ser um bom golfista"

Esporte dispendioso, que exige equipamento caro e acesso a clubes restritos, o golfe deu um pequeno passo rumo à democratização com a inauguração, em 2000, do primeiro campo público de São Paulo, o FPG Golf Center. Lá o jogador não precisa ficar sócio nem pagar mensalidade – uma taxa de no máximo 45 reais dá acesso às instalações. A título de comparação, associar-se ao São Paulo Golf Club, o mais tradicional clube do gênero da cidade, requer o desembolso de mais de 120.000 reais pelo título e 750 reais de mensalidade. Além do campo de nove buracos, o FPG Golf Center, freqüentado por 2.500 pessoas por mês, foi pioneiro em oferecer aulas ao público em geral. Criança aprende de graça, e adultos pagam 50 reais por meia hora. Foi lá que o empresário Adriano Facchini, tenista aposentado compulsoriamente por motivo de saúde, começou no esporte, há cinco anos. "O golfe é menos agressivo. Antes de conhecer, eu dizia que era jogo de velho. Agora, adoro", conta Facchini, que treina duas vezes por semana – sábados e domingos não, "a pedido de minha mulher", a atriz Luiza Tomé – no driving range, uma plataforma com vários boxes onde os jogadores aprimoram suas tacadas.

No país da ginga e da malemolência do celebrado futebol-arte, o golfe é esporte cerebral: o praticante precisa desenvolver disciplina mental e gosto pela repetição obsessiva para aprimorar as tacadas. Honestidade faz parte do jogo. Como não há juiz nem fiscal, seguir as regras é fundamental. Uma etiqueta toda própria determina as roupas e o código de conduta em campo (*veja quadro*). "O jogador não pode mentir para seus adversários na hora de informar quantas tacadas teve de dar para embocar a bola, por exemplo", diz Álvaro Almeida. "Quem for pego mentindo fica estigmatizado", informa Priscillo Diniz, 56 anos, jogador profissional que atualmente ensina na academia Onne Unigolf, a nona de São Paulo, inaugurada há três semanas. O jogo não requer do praticante nem força nem músculos em forma. Havendo carrinho disponível, nem sequer demanda preparo para a caminhada de 6 quilômetros. Também não discrimina por faixa etária – um senhor de 80 anos pode disputar a mesma partida com um rapaz de 20. Paciência é o requisito básico. O psicólogo esportivo Esmerino Rodrigues Júnior fez as contas e avisa: "Dos 270 minutos que dura, em média, uma partida, o golfista gasta apenas oitenta efetivamente dando tacadas. Ele não pode permitir que a ansiedade domine os outros 190".

Tacada elegante

O golfe tem até um aspecto civilizatório. Seus praticantes precisam seguir uma série de regras de etiqueta, que vão da roupa à atitude em campo. Algumas delas:

- ☛ O "uniforme" do golfista é camisa pólo, calça de pregas ou bermuda na altura do joelho e sapatos especiais com travas na sola. Jeans, minibusas e shorts, obrigatórios no guarda-roupa de verão das brasileiras, nem pensar
- ☛ Falar ao celular durante uma jogada é comportamento malvisto. Se tiver de manter o aparelho ligado, o jogador deve desativar o som de chamada
- ☛ No momento do lance, os demais não podem falar nem se mexer nem ficar muito perto do jogador
- ☛ Um grupo só pode jogar quando o da frente estiver fora do alcance da bola
- ☛ Golfe é jogo demorado. Conversar demais ou passar muito tempo se concentrando são pecados imperdoáveis na hora da tacada
- ☛ Toda a atenção é pouca com o green. Nunca coloque o saco de golfe sobre a grama, pise com cuidado e, se usar o carro, não saia da trilha predeterminada
- ☛ Jogada feita, ajeite a grama no green e alise com um ancinho as pegadas na areia. Também reponha a bandeira no buraco, na posição vertical
- ☛ É permitido levar lanches e bebidas no carrinho ou no saco de golfe. Mas nada, absolutamente nada, pode ficar no campo

Fonte: Confederação Brasileira de Golfe



▶ [topo](#)

▶ [voltar](#)

copyright © Editora Abril S.A. - todos os direitos reservados